

TRABALHO DE HOMEM, TRABALHO DE MULHER: OLHARES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO LOTE A PARTIR DA PRODUÇÃO

Carmen Janaina Batista Machado¹

Renata Menasche²

Resumo: No contexto de um assentamento de reforma agrária, este estudo propõe a reflexão sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres no processo de trabalho familiar. O estudo parte de dados empíricos na forma de desenhos, resultantes de atividades desenvolvidas junto a alunos assentados que frequentam da 1ª à 4ª séries de uma escola rural. Os desenhos indicam que, para essas crianças, o lote é constituído por atividades e espaços caracterizados como femininos e masculinos. Buscamos estabelecer um diálogo entre os desenhos dos alunos e a observação participante junto a algumas famílias, de modo a aproximar o olhar de seu cotidiano. A pesquisa se realiza no assentamento União, situado na localidade Armada, no 5º Distrito de Canguçu, Rio Grande do Sul.

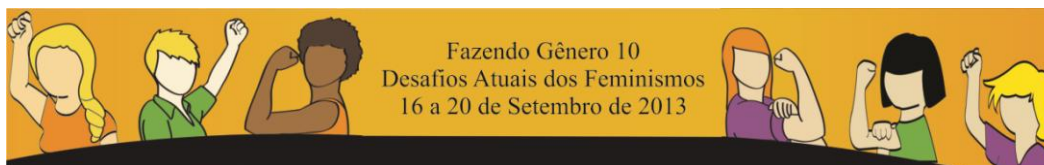
Palavras-chave: Campesinato. Família. Gênero. Assentamento de Reforma Agrária

A reprodução social da unidade camponesa alicerça-se em uma ordem moral, centrada na interdependência entre família, terra e trabalho, pois “nas culturas camponesas não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família” (WOORTMANN, 1990, p. 23). O grupo doméstico é tido como constituinte dessa unidade e compreendido como um sistema de relações internas e externas, no qual as primeiras orientam-se por princípios de hierarquia e de gênero e definem o processo de trabalho na unidade de produção e consumo, assim como as atividades de cada membro da família (MAIA, 2004).

Neste contexto, tendo o lote³ como unidade, este estudo propõe refletir sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres no processo de trabalho familiar, partindo de dados empíricos na

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA/UFPEL). Pelotas – Brasil. E-mail: carmemachado3@yahoo.com.br.

² Doutora em Antropologia Social. Professora do Curso de Bacharelado em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGA/UFPEL) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA/UFPEL). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC – <http://www.ufrgs.br/pgdr/gepac>). E-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br.



forma de desenhos, resultantes de atividades desenvolvidas junto a alunos assentados de uma escola rural.

Da Pesquisa

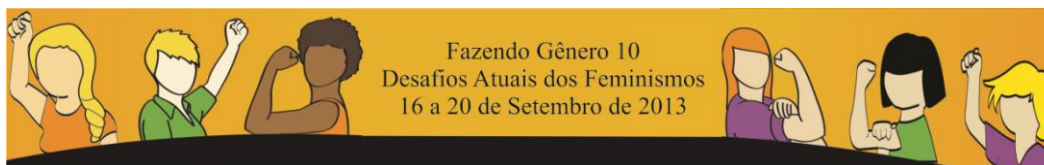
A inserção a campo ocorreu no segundo semestre de 2012, com atividades desenvolvidas junto a alunos da 1^a à 4^a séries de uma escola rural⁴. As dinâmicas trabalhadas na escola visaram, a partir de desenhos, apreender como as crianças percebem seu lugar de viver, o que e como produzem, o que valorizam no lugar, entre outros aspectos do modo de fazer agricultura das famílias assentadas. No transcorrer das atividades, pode-se perceber que algumas crianças representavam os espaços de trabalho do lote separados por gênero, o que nos instigou a estabelecer um diálogo entre os desenhos dos alunos e a observação participante junto a algumas famílias, visando aproximar o olhar de seu cotidiano.

Foi, assim, realizada uma primeira visita a quatro famílias de alunos do assentamento União. A primeira autora deste artigo permaneceu na casa de cada uma dessas famílias durante um dia de trabalho, com o objetivo de acompanhar as atividades da família. Na sequência, foi proposta a três dessas famílias a permanência da pesquisadora em suas casas por um período maior, entre três e cinco dias, também de modo a acompanhar as atividades desenvolvidas cotidianamente. A estadia por alguns dias junto a essas famílias possibilitou participar do trabalho, compartilhando de atividades de responsabilidade da esposa, mãe de família. Na condição de ajudante da mulher, as tarefas consistiram em cozinhar, varrer a casa e o pátio, capinar a horta, arrancar batata-doce e mandioca, cuidar de crianças pequenas, levar a criança até a parada do ônibus escolar, entre outros afazeres. No espaço da lavoura e da leitearia, era convidada somente para conhecer e para, como disse um senhor, *tirar fotos para o trabalho do colégio*⁵.

³ Lote é a denominação utilizada para referir-se à propriedade de cada família no assentamento. No assentamento União, os lotes possuem em média 27 hectares.

⁴ A inserção na escola, assim como no assentamento União, deu-se no processo de pesquisa de mestrado da primeira autora, trabalho em desenvolvimento.

⁵ Para remeter a conceitos trazidos da literatura ou para destacar termos, foram empregadas aspas. Já expressões de interlocutores da pesquisa são trazidas ao texto em itálico.



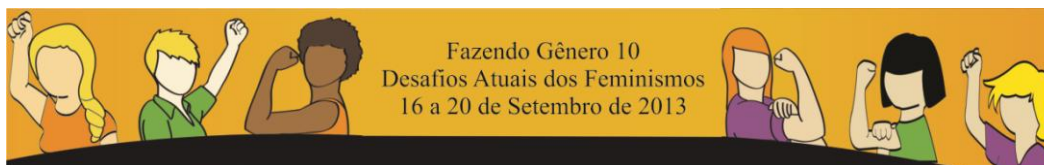
O fato de ser conhecida como a professora da escolinha – ou como *professora do desenho*, como dito por algumas crianças – foi essencial na aproximação com as famílias. Participar como voluntária na escola, conhecer um pouco da vida das quarenta crianças que ali estudam, de suas relações de parentesco e a qual assentamento pertencem possibilitou adentrar esta teia de relações. O deslocamento no ônibus escolar para o assentamento União permitiu conhecer a parada de cada aluno, dos que moram na estrada principal pôde-se, inclusive, visualizar a casa, a mãe ou o irmão esperando à porta. Enfim, foram realizadas aproximações que demandam tempo e observação, mas que seriam fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, do mesmo modo que a participação em reuniões do assentamento, do grupo de mulheres e em confraternizações da escola, com a presença de alunos e familiares.

Foi nas cozinhas, na maior parte das vezes, que se estreitaram os laços com as famílias, pois quando a pesquisadora cozinhava, invertiam-se os papéis: a dona da casa sentava-se ao lado do fogão a lenha, servindo o mate⁶, enquanto a visita preparava a refeição para toda família, sendo observada por todos. Ao passar pela prova e preparar uma refeição que fosse apreciada, a visitante era reconhecida como boa cozinheira, boa dona de casa, elemento de identificação que se mostraria importante na relação com as famílias. Salem (1978) ao analisar em seu estudo esta inversão de papeis, em que a pesquisadora é observada e entrevistada, afirma que o informante busca pontos de afinidade entre ele e o pesquisador na tentativa de situar esta pessoa em seu mundo e, assim, amenizar a posição de “invasão” do pesquisador. No contexto das famílias assentadas pode-se compreender que a pesquisadora, após a prova de cozinhar para as famílias e responder perguntas sobre a sua vida, não é apenas uma pesquisadora é, também, mulher, moradora do meio rural e dona de casa. As inserções de pesquisa junto às famílias tiveram início no primeiro semestre de 2013 e, assim como as atividades na escola – realizadas desde o segundo semestre de 2012, com encontros quinzenais – seguem sendo realizadas.

A pesquisa foi realizada no assentamento União, na localidade de Armada, município de Canguçu⁷, Estado do Rio Grande do Sul. Esse assentamento foi implantado em 1999, mas a chegada das famílias teve início já em novembro de 1998. É formado por 64 famílias, originárias

⁶ O mate (ou chimarrão) é uma bebida encontrada principalmente no sul do Brasil, tendo como base a erva mate. É consumida especialmente antes das refeições e quando recebem visitas.

⁷ Atualmente, estão instalados no município de Canguçu 16 assentamentos: Arroio das Pedras, Boa Fé, Bom Jesus, Colônia São Pedro, Doze de Julho, Guajuviras/Novo Amanhecer, Herdeiros da Luta, Mãe Terra, Nova Conquista, Nova Esperança, Nova Sociedade II, Perseverantes na Luta, Pitangueiras/Sem Fronteiras, Renascer, Salso e União.



dos municípios de Alpestre, Augusto Pestana, Canguçu, Canoas, Chapecó (Santa Catarina), Constantina, Herval Seco, Iraí, Joia, Nonoai, Novo Hamburgo, Ronda Alta, Rio dos Índios, Santo Ângelo, São Lourenço do Sul, São Pedro do Sul, Tenente Portela, Três Palmeiras e Trindade do Sul.

Do desenho ao lote: olhares sobre os espaços de trabalho

Os desenhos indicam que, para essas crianças, o lote é constituído por atividades e espaços caracterizados como femininos e masculinos. Assim, partimos da perspectiva de Heredia (1979) que, ao analisar a organização interna das unidades de produção camponesa no Nordeste, mostrou que a delimitação do espaço de trabalho conforma-se na oposição casa-roçado – sendo o roçado o espaço do homem e a casa o espaço da mulher. É o roçado que define efetivamente o que é e o que não é trabalho, já que “os produtos fornecidos pelo *roçado* são os que asseguram o abastecimento dos meios necessários para o consumo familiar, consumo que se materializa na *casa*” (HEREDIA, 1979, p. 77-78, grifos da autora). No mesmo sentido, Woortmann e Woortmann (1997) afirmariam, em estudo realizado entre camponeses sergipanos, que o processo de trabalho no mundo camponês possui dimensões simbólicas que constituem os espaços agrícolas e, também, espaços sociais e de gênero, que reproduzem os espaços sociais do homem e da mulher. Para esses autores, enquanto o trabalho da mulher está voltado para dentro, para a casa – esfera do consumo –; o trabalho do homem está voltado para fora, para a lavoura – esfera da produção.

Ao representar o lote em seus desenhos, alguns alunos apresentaram a divisão do espaço de trabalho por gênero, mostrando mãe e filha ao lado da casa e pai e filho junto à lavoura; a mãe ordenhando a vaca (manualmente) ou alimentando animais domésticos; o pai dirigindo o trator. As lavouras, na maioria das vezes, foram retratadas em tamanho maior do que a horta e mostradas como ponto de origem dos alimentos produzidos para comercialização. O cercado das vacas leiteiras aparece em destaque nos trabalhos de alguns alunos, lembrando que o leite é um produto comercializado por um número significativo de famílias. É o caso de um desenho realizado por um aluno da 3ª série (Figura 1), no qual ele representa o lote e os espaços de trabalho da família, com mãe e filha próximas à casa, o pai e o filho próximos à lavoura e dois meninos afastados da casa, um mais distante e outro entre o cercado da vaca e o açude. A fumaça na chaminé demonstra o trabalho da mãe, e talvez da filha como ajudante, pois manter o fogo no fogão a lenha, para o preparo das refeições, demanda que se esteja em casa ou por perto para, de vez em quando, colocar

lenha no fogão. O pai e filhos representados ao lado da lavoura, próximo ao cercado da vaca ou andando pelo campo delimitam esses espaços de trabalho como de responsabilidade dos homens da família, os filhos aí inseridos enquanto ajudantes do pai.



Figura 1: Desenho do lote e espaços de trabalho da família. Fonte: aluno 3ª série, 2012.

Em outro desenho (Figura 2), uma aluna da 4ª série representa o lote com a casa, o jardim, árvores frutíferas, açude, horta e lavoura. A menina retrata somente uma pessoa da família: o pai, na lavoura, capinando a plantação. Isso sugere que, para a aluna, o trabalho do pai tem uma importância significativa, pois é da lavoura que provém o sustento da família, seja através da produção para o autoconsumo, seja pela comercialização do que ali é produzido. E mesmo que os outros membros da família *ajudem* na lavoura, talvez a estudante não os tenha representado por concebê-la como espaço de trabalho do pai.



Figura 2: Desenho do lote, o pai trabalhando na lavoura. Fonte: aluna 4ª série, 2012.

Podemos, então, notar que, no olhar da criança, o lote é constituído por espaços de trabalho: trabalho de homem e trabalho de mulher. Como são organizados estes espaços no lote?

*

No cotidiano das famílias rurais estudadas, a delimitação dos espaços de trabalho está presente e é a partir dela que podemos vislumbrar mudanças e permanências. Vejamos.

No que se refere à produção de leite, em deslocamentos pela estrada principal do assentamento – transitando da casa de uma família para a de outra –, pode-se observar, cedo da manhã e à tardinha, mulheres sentadas em banquinhos, tirando leite manualmente. Geralmente, amarram a vaca próximo às árvores frutíferas e a ordenham ali. Notamos que, nas famílias em que a ordenha das vacas é realizada manualmente, a tarefa está a cargo da mulher. Já nas famílias que possuem ordenhadeira, o homem passou a ser responsável pela ordenha.

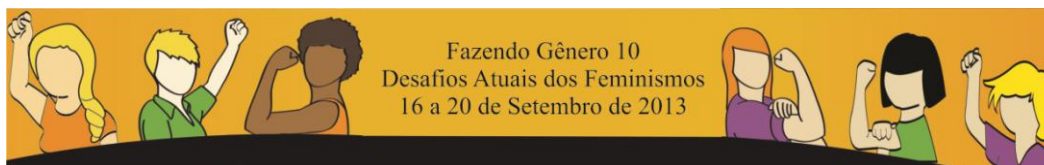
Em uma das famílias que possui ordenhadeira, a mulher participa da atividade na condição de *ajudante*, sendo ela quem se levanta por volta das 6 horas da manhã para fazer fogo no fogão a

lenha, aquecer água para lavar a ordenhadeira e lavar o tarro em que o leite será colocado para resfriar. Pela tarde, em torno das 16 horas, ela repete a mesma rotina, acendendo o fogo, aquecendo água para a lavagem da ordenhadeira e lavando outro tarro para nele depositar o leite que será armazenado no resfriador. Todas essas tarefas são realizadas no espaço de dentro, na casa. O esposo e o genro – que mora no lote vizinho – alimentam as vacas com pasto, lavam a ordenhadeira, tiram o leite, colocam-no nos tarros, que na sequência são depositados no resfriador, soltam as vacas no campo e lavam novamente a ordenhadeira. A mulher tira o leite somente quando um dos homens não pode realizar tal tarefa.

Ao relatar estudo realizado junto a agricultores familiares do Paraná, em que foi observado o cotidiano de vida e trabalho de famílias produtoras de leite, Menasche (2004) comenta que a introdução de tecnologia na produção leiteira e a intensificação da produção destinada ao mercado restringiram a atividade ao controle masculino. Assim, “a introdução de tecnologia na produção leiteira estaria alterando não a hierarquia entre homens e mulheres, mas o lugar da atividade leiteira na hierarquia da atividade doméstica: a produção de leite, agora tecnificada, atingiria o estatuto de trabalho – atributo masculino” (MENASCHE, 2004, p. 33). O mesmo processo foi observado entre as famílias estudadas do Assentamento União: quando o leite é tirado manualmente, ainda que seu destino seja a comercialização, a atividade está a cargo da mulher, enquanto que quando a família adquire ordenhadeira, a atividade passa a ser desenvolvida pelo homem.



Figura 3: Desenho do lote, mãe tirando leite. Fonte: aluna 2ª série, 2012.

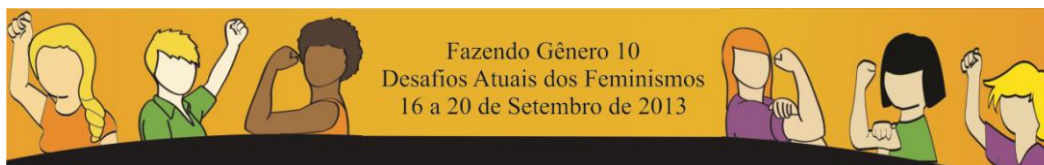


Ainda refletindo sobre mudanças de posição das atividades masculinas e femininas no lote, vejamos o caso de outra família, em que a mulher é professora, trabalha fora, enquanto que é o marido quem realiza a maior parte das tarefas domésticas: cuida do filho pequeno, varre a casa, lava roupa, corta lenha, prepara as refeições. Isso ele realiza pela manhã, pois à tarde, quando a filha mais velha retorna da escola e assume as tarefas da casa, o pai vai para a lavoura e cuida do gado. Quando chega em casa, à tardinha, é ele quem faz fogo no fogão, prepara o chimarrão e a janta, enquanto a esposa organiza as aulas para o dia seguinte e cuida do filho pequeno. Embora o marido realize quase todas as atividades domésticas, quando há questões referentes à casa por resolver – como no caso, por exemplo, do disciplinamento da filha em relação aos afazeres domésticos –, ele recorre à esposa. A casa é tida como espaço da mulher, então mesmo que ela fique fora por um longo período do dia, cabe a ela resolver os problemas.

Nesta família, o marido realiza tarefas da casa e da lavoura, mas em sua fala ele faz questão de explicitar que trabalha na lavoura e com o gado, como se sentisse a necessidade de esclarecer que faz a *lida* da esposa, mas também trabalha, e muito, na lavoura. Entende-se a valoração do marido pelo espaço de trabalho na lavoura e com o gado porque, afinal, esses são os espaços que seu pai e vizinhos ocupam. Para ele, mesmo afirmando não se importar com as brincadeiras decorrentes do fato de ser *dono de casa*, afirmar a identidade enquanto aquele que trabalha na lavoura envolve a honra de pai, provedor da família. No que diz respeito à esposa, não parece ser um incômodo o fato de não realizar os afazeres cotidianos da casa: ela afirma fazer o que pode no final de semana, porque no decorrer da semana chega sempre muito cansada da escola e com tarefas do trabalho por fazer. Pode-se sugerir que, talvez por ela ter morado por muito tempo na cidade, para estudar e trabalhar, não compreenda a mudança de posição nas atividades como algo a ferir sua honra ou a do marido.

Em outra família, o esposo desloca-se para trabalhar fora, na colheita de maçã no norte do Estado ou nas granjas, em municípios vizinhos. É a mulher quem assume a lavoura. Ela cuida do lote e dos três netos que moram com ela, realizando o trabalho da casa e do entorno, das lavouras e vendendo leite. Aqui entra a categoria da precisão, referida por Maia (2004), em que a mulher, por necessidade, passa a realizar todas as tarefas da esfera da produção e do consumo, pois por dificuldades diversas o pai de família optou por trabalhar fora e a mulher assumiu o lote.

No que se refere à lavoura, a agricultora diz que geralmente é o marido quem prepara a terra e planta o milho, feijão, amendoim, entre outros, enquanto ela cuida para que não haja infestação de

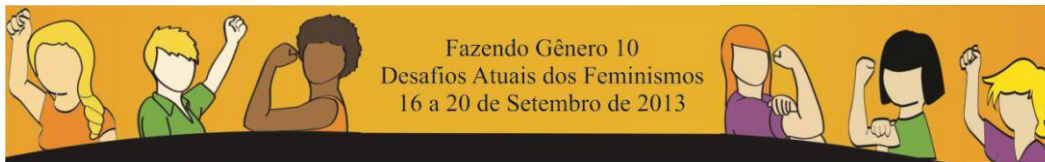


formigas, capina e, se preciso, colhe. Ainda, as lavouras de pastagem para as vacas de leite, são semeadas por ela, sendo a terra preparada pelo marido ou, então, por alguém pago para a realização da tarefa, com trator. A ordenha, independentemente de o marido estar ou não em casa, é sua responsabilidade: o leite é tirado à mão, pela manhã e à tardinha. Ela diz que precisa estruturar-se melhor, investir na construção de um galpão, adquirir uma ordenhadeira, armazenar alimentação suficiente para as vacas, mas produz pouco leite e o dinheiro resultante de sua venda é utilizado como complementar nas despesas da casa.

Ao estudarem a migração de homens e o cotidiano das esposas que permanecem nas propriedades, Silva e Menezes (2010) afirmam que a migração implica redefinições dos espaços de dentro (casa) e de fora (roçado), pois a migração dos homens transforma a posição das mulheres na família bem como redimensiona os espaços. Para esses autores, com a migração dos homens, o espaço de dentro se amplia, abarcando os espaços de fora. No entanto, a mulher continua subordinada ao marido e, mesmo estando longe, é ele quem continua tomando as decisões.

Em outro estudo, ao analisar experiências de diversificação produtiva em que as mulheres estão à frente, desenvolvidas em núcleos de assentamentos, Ferrante *et al.* (2013, p. 196) destacam que “o fato de as mulheres terem papéis centrais nestes embriões de experiências produtivas diferenciadas não implica, necessariamente, mudanças efetivas no interior das relações familiares, dos códigos tradicionais que ainda interferem, em muito, na lógica das relações familiares”. Podemos, assim, tal qual nos exemplos antes comentados, mais uma vez observar que, embora sejam perceptíveis mudanças nos espaços de trabalho de homens e mulheres, os códigos tradicionais e a hierarquia de gênero em boa medida se mantêm.

Ainda observando o cotidiano das famílias rurais estudadas, dirigimos o olhar para os instrumentos empregados. Como apontaram K. Woortmann e E. Woortmann (1997), a construção dos espaços de gênero constitui-se, também, pelo uso simbólico dos instrumentos, diferenciador de gênero e marcador de hierarquia. Para os autores, além de serem instrumentos do trabalho prático são, também instrumentos do trabalho simbólico. Assim podemos pensar os instrumentos no contexto do lote, na produção de leite, por exemplo. Nas famílias em que o leite é de responsabilidade da mulher, os instrumentos demarcadores do trabalho são um banquinho de madeira para sentar, uma corda para amarrar as patas traseiras e rabo da vaca, uma caneca para tirar o leite e um balde para colocar o leite. Já quando o leite é de responsabilidade do homem, os



instrumentos são a ordenhadeira, corda ou manieira para amarrar as patas traseiras da vaca e o tarro de leite.

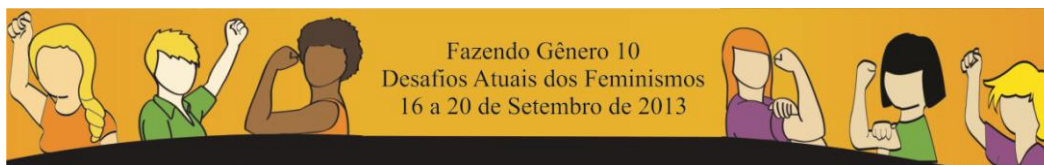
No contexto da casa, o fogão a lenha constitui-se como objeto do espaço feminino, devendo ser mantido bem areado, assim como as chaleiras e panelas. Um fogão com a chapa mal cuidada indica que a mulher não é caprichosa. O fogão a lenha está presente em todas as cozinhas: é no seu entorno que se preparam as refeições e que se reúne a família e as visitas para tomar o mate. Outro instrumento associado ao universo feminino é a vassoura que, seja de plástico ou palha, para varrer a casa, ou de galhos de alguma árvore, para varrer o pátio, é utilizada diariamente pela mãe ou filhas. Já o machado e a enxada são instrumentos de ambos os sexos. Porém, o machado utilizado pela mulher, principalmente para cortar lenha, é um machado velho. Do mesmo modo, a enxada utilizada na horta e para *ajudar* na lavoura é a que no período anterior fora utilizada pelo marido. Ou seja, primeiro esses instrumentos passam pelas mãos dos homens para depois, quando já não lhes são mais úteis, serem passados às mulheres. Como identificado por K. Woortmann e E. Woortmann (1997), há um paralelismo entre a força plena das pessoas e a força plena dos instrumentos, que,

Mudando de mãos, mudam de significado ao longo de seu ciclo de “vida” e ao longo do processo de trabalho. Assim, o machado mais novo é do pai, para ser utilizado em tarefas definidas como especificamente dele. O mesmo ocorre com a enxada e seu exemplo é significativo: nova ela é do pai e designa a categoria *trabalho*. À medida que se vai desgastando, ficando mais leve e menos produtiva, passa às mãos da mulher, designando a categoria *ajuda*. Finalmente, quando muito desgastada, passa às crianças e designa “lazer”. (K. WOORTMANN; E. WOORTMANN, 1997, p. 137-138, grifos dos autores).

Assim, tem-se que os objetos, instrumentos de trabalho, além de suas funções técnicas, são também marcadores de hierarquia e diferenciadores de gênero.

Considerações Finais

Trazer os desenhos, para neles buscar os olhares das crianças sobre o lote, permitiu visualizar que elas demarcam as atividades como femininas e masculinas e que, ao integrarem essas atividades, ajudando seus pais, incorporam símbolos e significados. O olhar dos pequenos sobre o lote parte do cotidiano, em que são produzidos e reproduzidos códigos herdados e que constituem o modo de vida das famílias.



A aproximação ao cotidiano das famílias possibilitou perceber mudanças, uma maior circulação de homens e mulheres nas distintas atividades. No entanto, assim como evidenciado nos usos de artefatos empregados no trabalho em diversos espaços do lote, as mudanças observadas coexistem com os códigos tradicionais e com a hierarquia de gênero.

Referências

FERRANTE, Vera Lúcia Botta; DUVAL, Henrique Carmona; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; BOLFE, Ana Paula Fraga. Na trajetória dos assentamentos rurais: mulheres, organização e diversificação. NEVES, Delma Pesanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo (Org.). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p. 195-216.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 163p.

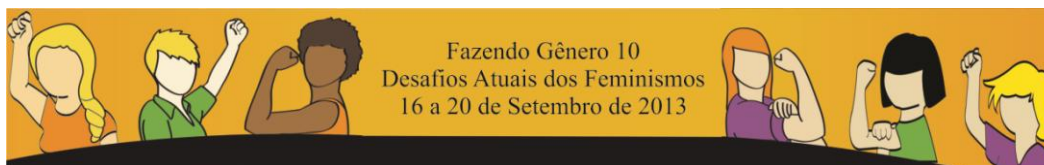
MAIA, Cláudia J. Trabalho, família e gênero: estratégias de reprodução social camponesa no Médio Jequitinhonha. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 4, p. 89-103, 2004.

MENASCHE, Renata. Capinar: verbo conjugado no feminino? Notas de pesquisa sobre gênero e percepções de risco na agricultura familiar. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, Bogotá, n. 53, p. 25-33, 2004.

SALEM, Tania. Entrevistando Famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 47-64.

SILVA, Marcelo Saturnino da; MENEZES, Marilda Aparecida de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares – PB. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES Marilda (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010, p. 281-311.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Ed. Unb, 1997, 192p.



Men's work, women's work: an eye to the organization of lot from production

In the context of an Agrarian Reform settlement, this study proposes a reflection on the roles attributed to men and women in the process of familial work. The study starts with empirical data from drawings, resultant of activities developed with settled students who attend from first-grade to fourth-grade of a rural school. The drawings indicate that, to these children, the lot is constituted of activities and spaces characterized as female and male. We try to establish a dialogue between the students' drawings and the participant observation along with some families, in order to approximate their view to the quotidian. The research is carried out at *União* farm settlement, situated in *Armada* locality, in the 5th District of *Canguçu*, *Rio Grande do Sul*.

Keywords: Peasantry. Family. Gender. Agrarian Reform Settlement